

Loyola: nova meta reforça a credibilidade do País

Proximidade de eleições torna mais significativo o aumento do superávit, diz ex-presidente do BC

ADRIANA FERNANDES
e GUSTAVO FREIRE

BRASÍLIA – O ex-presidente do Banco Central (BC) Gustavo Loyola elogiou ontem a decisão do governo de elevar a meta de superávit primário de 4,25% para 4,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Para ele, a medida dará mais credibilidade ao País no exterior. “Como isso vai ser visto em Wall Street? Tem um país elevando o superávit primário às vésperas da realização de eleições. Isto é muito positivo.”

O bom desempenho fiscal, segundo Loyola, também ajudará o País a deixar o guarda-chuva de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) já a partir do ano que vem. “E fica até mais fácil, do ponto de vista econômico, voltar ao FMI se for necessário.” Ele advertiu, porém, que o governo deve evitar os aumentos de despesas permanentes como custeio e pessoal.

Loyola também aproveitou para elogiar a decisão do BC de explicitar a mudança da meta de inflação a ser perseguida em 2005, de 4,5% para 5,1%. “Isso tira do mercado aquela dúvida se o BC ainda estaria trabalhando com a meta de 4,5% ou se com outra em função da indexação dos preços administrados e da inércia inflacionária”, disse. Em razão disso, avalia, a decisão de mudar a meta representou um ganho de transparência.

Em relação aos preços dos combustíveis, o ex-presidente do BC disse que existe uma defasagem de 5% a ser repassada, em relação aos preços internacionais do petróleo. “Na bomba, o aumento necessário seria de 2%”, disse. Segundo Loyola, a recomposição

**‘FICA MAIS
FÁCIL VOLTAR
AO FMI SE
FOR PRECISO’**

da defasagem seria boa para ajudar a Petrobrás a recuperar a capacidade de investimento. Apesar de reconhecer que a defasagem prejudica a capacidade de investimento, Loyola ressaltou que acha positiva a política da estatal de não fazer o repasse imediato da alta dos preços do petróleo no mercado internacional para seus preços no mercado doméstico.